

LUGAR DE CRIAÇÃO DOCENTE: OUTRA CENA NA FORMAÇÃO EM LETRAS¹

Nazarete Andrade Mariano

Resumo: Este estudo propõe apresentar uma paisagem do projeto de tese, que se configura em uma pesquisa sobre criação docente, pelo viés da produção literária autoral, que se desloca do espaço formal e de prestígio com possibilidade de garantir um Lugar de Criação no construto de uma escrita singular, que tenciona para outra cena na formação em Letras. Saindo do processo da repetição pela repetição para emersão no diferente, no singular, no novo. Configurando, assim, uma triangulação de professora autora; professor autor, que vai de graduandos extensionistas; docentes da Educação de base e docente universitário do curso de Letras UPE Campus Petrolina, considerando se o *Programa de Extensão Lugar de Criação*, que legitima as escritas singulares como outra cena na formação-criação do docente na licenciatura em Letras. São necessárias as contribuições, entre outros, de Ginzburg (1989), Deleuze (2021), Barthes (2004; 2020), Calvet (2011), Seidel (2017); Santos (2011); Woodward (2014). Desse movimento de deslocamento do docente para docente-autor/a emerge uma formação de docentes — autoras; autores com textos como manifestação cultural.

Palavras-Chave: Lugar de Criação. Escrita singular. Docente autor/a. Formação-Criação. Projeto de tese.

INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS INSURGENTES CENAS

Este estudo propõe apresentar uma paisagem do projeto de tese, que se configura em uma pesquisa sobre criação docente, pelo viés na criação literária autoral, que se desloca do espaço formal e de prestígio com possibilidade de garantir um Lugar de

¹ Título de tese, ainda, em processo de construção.

Criação no construto de uma escrita singular, que tenciona para outra cena na formação em Letras na UPE Campus Petrolina, como também de professores que atuam tanto na Educação de Base, quanto no próprio curso de Letras, sujeitos que estão na dupla captura do formar e do se formar enquanto forma.

São Criações Singulares com marcas e personalidades peculiares, caracterizadas pela escrita de suas vivências e experiências. Esse cenário, por sua vez, possibilita condições necessárias para que se estabeleça um diálogo estreito entre as interfaces no campo linguístico-literário em consonância com o debate próprio da Crítica Cultural. Para tanto, há uma necessidade de situar o *Programa Lugar de Criação*, que tem atividades de extensão, bem como de ensino, envolvendo a formação e produção de *Escritas Identitárias*, para que possamos refletir os indícios de uma ressonância para outra cena na formação em Letras, cena essa que emerge de criação autoral de professores de Língua Portuguesa e Literatura, seja na formação inicial ou continuada.

Vale destacar que o projeto de tese tem por finalidade compreender de que maneira o *Programa Lugar de Criação legítima* a formação de produções literárias, que movimenta a professora; o professor do lugar de docente para um lugar de criação docente, configurando outra cena da qual emergem docentes autoras; docentes autores. Para tanto, considera-se a possibilidade de uma triangulação dos sujeitos colaboradores, uma vez que, para entender essa outra cena, se faz necessário perceber essa multiplicidade, que vai dos graduandos, extensionistas e monitores do *Programa Lugar de Criação*, aos docentes, que atuam tanto na Educação Básica quanto no Curso de Letras da UPE Campus Petrolina (PE).

Essa imagem revela que o projeto de tese está em consonância com o debate dos *Seminários interlinhas*, como

também com as ressonantes contribuições do *Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural* na modalidade de doutorado, por apresentar um certame discursivo, que promove uma proximidade com a construção conceitual do lugar de criação docente, que está ancorada na *linha II, Letramento, identidade e formação de Educadores*, pois além de desvelar o ato de criação docente, também abre uma série que leva ao processo formação-criação-formação de um devir-escrita, um devir-docência, um devir-formação.

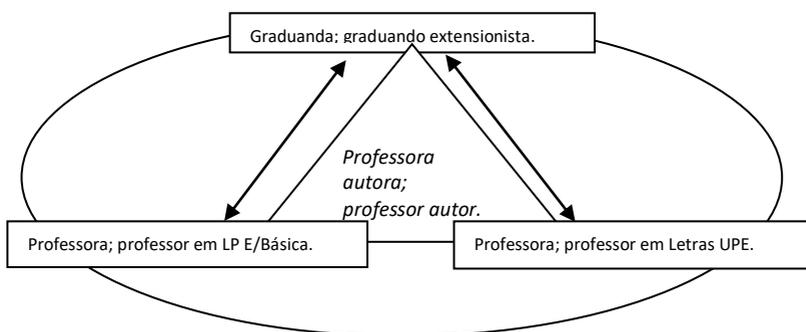
Assim, a construção do refinamento epistêmico nesta pesquisa, contará com as contribuições teóricas Calvet (2011) com os estudos da tradição escrita; Woodward (2014) com as discussões de identidade no movimento das diferenças; Barthes (2004) com a escrita no grau zero e a potência da literatura para a multiplicidade arbitrária, que leva a outros sentidos; Deleuze (2021) com a teoria da diferença, que propicia para uma multiplicidade da materialidade da escrita, que se abre para o novo, para um devir; Seidel (2017), que ao desdizer, apresenta a materialidade dos conceitos, especialmente, na escrita; Santos (2011) com o letramento transformador pela escrita singular, dentre outros, que serão importantes no processo de construção de tese.

O ATO DE CRIAÇÃO DOCENTE: POSSIBILIDADE DE OUTRA CENA

Expulsar, parir ou extrair um conceito embrionário para que se compreendam os sinais pulsantes de um signo, que emerge para além de uma imagem psíquica e acústica. Uma teatralidade que nos dá um lugar de destaque; porém, para conceituar, mesmo que de forma incipiente, é preciso sentir, experienciar e vivenciar o problema para que o nascedouro do ato de criação surja no movimento dessa teatralidade. Um movimento da docência para manifestar uma nascedouro da criação docente, mais precisamente,

a nascença de um lugar de criação docente da professora autora; professor autor.

O recorte deste estudo é apresentar um breve limiar sobre o lugar de criação docente implicado no processo de formação em Letras com foco em Língua Portuguesa e suas literaturas. Docentes, que a partir de 2020, em pleno início do isolamento físico devido à pandemia da Covid-19, passam a constituir a equipe de extensão do *Projeto/ Programa Lugar de Criação*. Nesse construto, fica evidente a necessidade de esmerilar que o ato de criação literária é o cerne das ações do Lugar de Criação, tanto para a equipe extensionista quanto para as pessoas participantes. É, justamente, nesse traçado em que se pode compreender o Lugar de criação como outra cena para potencializar uma docência autoria. Para tanto, apresentaremos duas figurações, que ajudam nesse processo de uma investigação, que configura uma pesquisa qualitativa, do tipo etnográfico, visando à triangulação de dados de autora; autor de docente da Educação Básica, docente universitário, bem como graduando extensionista, futuro docente do curso de Letras.



Esquema 1 — fonte da própria autora.

Essa paisagem agencia aquilo que a maquinaria da crítica cultural tem como potencialidade de visibilizar e de teorizar,

evidenciando, assim, situações, que são negligenciadas e postas às margens das discussões teórico-metodológicas, constantemente. Uma visibilidade que *configura uma formação — criação — formação*, que é importante para descobertas de operadores na fronteira entre a repetição nas produções escritas, que sai de uma escrita no grau zero Barthes (2020), uma escrita-limite para a emergência de uma escrita singular, diferente. Parafraseando Deleuze (2021) uma escrita que habita o novo; habita a potência de uma formação do fazer comigo em detrimento do fazer como eu; de um lugar de docente, que escreve para além da obrigatoriedade, que a profissão e a formação exigem.



Esquema 2 — fonte da própria autora.

Essas duas paisagens nos levam a pensar um objeto de tese, que possibilite legitimar esse lugar de criação docente, que, na maioria das vezes, é o lugar de uma escrita licenciada nos espaços educacionais. Portanto, há de se problematizar e, posteriormente, conceituar, teorizar o ato de criação docente como um ato necessário na formação de sujeitos na área de Letras. Com isso, possibilita chegar à dupla captura, em um processo espiral do ir e vir na formação — criação — formação.

Esse silenciamento nas produções de escritas literárias autorais nos faz pensar no que Ginzburg (1989) postula, o de interpretar “os pormenores mais negligenciáveis” de uma Escrita singular, permeada de marcas identitárias, que traz a paisagem de uma escrita anônima e silenciada. Criando, assim, indícios para sair da escrita pelo efeito para o ato de criação literário autoral. Além do sabor e do saber da criação literária que dialogam com a subjetividade presente nas escrevivências, com diálogo intrínseco entre diferença e identidade, uma vez que “as identidades são fabricadas por meio de marcação da diferença” Woodward (2014, p. 40), tencionando, assim, uma criação docente, que se configura numa cena na formação da professora autora; do professor autor.

Um estudo de tese que versará pela ressonância do signo escrita; signo criação literária de docentes que imprimem a singularidade de suas marcas para que se legitime o novo, o diferente. Uma construção do nascimento da professora autora; do professor autor, que sai de uma escrita, por muito tempo, silenciada, pelo fato de que há um conceito da negação daquilo que difere de uma escrita considerada de prestígio e de poder. Sair desse lugar de negação para uma escrita sem conceito; uma escrita no grau zero, que deste limite experienciado surge à efetivação do nascedouro de uma docência autoral.

Nessa caminhada, estamos nos preparando para o diálogo, ou quem sabe para embates de uma escrita silenciada para uma escrita singular, que na perspectiva dos estudos culturais trazem a identidade como processo de construção que se constitui no diferente. Por outro lado, há a filosofia da diferença, que, ao abrir-se em dobras, abrem-se fendas para o singular, para o diferente. Deleuze (2021) contrapõe-se identidade na perspectiva da essencialidade, da reconhecimento. Para Deleuze “a repetição é a diferença sem conceito”. Um conceito a ser vivenciado, a ser experienciado. A multiplicidade de um devir, de uma dupla

captura. Logo, teremos uma escrita singular, que, na repetição do ato de escrever, o novo sempre emergirá na arquitetura física do texto de maneira inaugural, uma nova cena na teatralidade da docência. Deleuze propõe uma identidade nômade que escapa do isso e do aquilo, uma identidade que funciona numa cena, mas nessa mesma cena surge o novo, o diferente.

Do uterino, próprio das narrativas, o encabeçamento do significante autora; autor; mais ainda, a nascente de graduanda autor; graduando autor, da professora autora; professor autor de Letras, que, no ensinando e, ou aprendendo, levanta a cortina presa na reconhecimento. Esse movimento faz da escrita uma narrativa do eu-docente em suas diversas nuances. Criar para si, criar para um livro, não importa o contexto e, sim, vivenciar os sabores da palavra, que ela pode oferecer aos falantes e usuários. Um lugar de criação, configurando *Escritas Identitárias*; escritas singulares, que ampliam para outras paisagens de não apenas identificar as marcas representativas de identidades nas produções escritas, como também em um sentido gregário de deslocamento para configuração de uma cena de formação de docentes em Letras que, por vez, é a força de um “nascimento” da professora autora; do professor autor, como também da possibilidade de um refinamento epistêmico da noção de “formação — criação - formação”.

CONTRIBUIÇÕES PARA UM REFINAMENTO O PENSAMENTO EPISTÊMICO DA PESQUISA

É historicamente enraizado de que a escrita foi inventada por uma necessidade de poucos que precisavam mais que falar, precisavam registrar, devido à expansão comercial nas sociedades de civilizações anteriores a nossa, especialmente, na antiga Mesopotâmia. Uma necessidade de tomar nota, de anotar, pois uma pouca minoria teria acesso a esses escritos, segundo Calvet

(2011), a escrita foi inventada pela necessidade de anotar. Com isso, foi se naturalizando vários mitos² sobre a escrita, que, aos poucos, foram e continuam sendo despido no “palco” escriturístico.

Despir, também, da roupa docente para a docente autora; docente autor surge a nascitura de uma professora autora, de um professor autor, mais ainda, emerge uma docência devir, que sai dos rabiscos do eu autor, um eu-rascunho para uma dobra de nova versão da tela docência. Uma docência que tem a potência para escrever a verdade, para uma escrita da cura do doído, até mesmo, o de denunciar a maldade ou dar a mão para o perdido. Aqui, nos valem do pensamento de Seidel, que corrobora com o refinamento epistémico deste estudo.

Defendo que nossa área deva se empenhar mais nessa questão da formação de escritoras e escritores, não só no sentido de instrumentalizá-los, mas também no sentido de proporcionar um sentido de fruição criativa e estética sem par aos eventuais participantes desses cursos ainda por serem criados e oferecidos (SEIDEL, 2017, p. 121).

É à força da criação literária de uma docência autoria para fazer um repensar. É na força da criação que o signo escrita se repete, mas não da mesma forma; repete-se como potência da diferença, como postula Deleuze (2021, p. 44) “os signos são verdadeiros elementos do teatro. Dão testemunhos das potências da natureza e do espírito, potências que agem sobre as palavras, os gestos, os personagens e os objetos representados”.

É desse descortinar das cenas teatralizadas que surge a emergência de criação, do ato de escrever, dos riscos e rabiscos, acima de tudo, das insurgentes cenas na arte de contar. Santos

² Olson em O Mundo no Papel.

(2011, p. 26) nos lembra de que isso está diretamente relacionado ao letramento, pois “leva em conta a natureza da leitura e da escrita embutida nas práticas sociais e, ao contrário das posições que historicamente insistiram na autonomia situacional da escrita [...]”. Um contar na criação literária, que transita pela narrativa autoral de uma escrita de si. Um nascimento da professora autora; do professor autor, seja ela durante a formação inicial, seja no processo contínuo.

Assim,

Ao parir o eu-texto também nasce o eu-autor; as subjetividades e as marcas singulares dando espaço para ação da memória em movimento que sai a ganhar outros ares. Ares que a folha em branco, ainda, não se configurou no bailar da caneta ou no toc toc da tecla nos convidando ao escrevinhar (MARIANO, 2021)³.

Desse bailar no escrevinhar, reflete um movimento da sala de aula, que sai do estático, para uma sala de aula como um acontecimento. É a docência fazendo uso de seus textos como referências nos espaços educacionais. Textos autorais dialogando com outros tantos. Como nos problematiza Seidel (2017, p. 118), “o ato de escrever, [...] É escrever a favor, escrever contra...” além de escrever, desdizer, dizer de outra forma. Será que os textos de professoras e professores influenciarão tantos outros futuros docentes?

Nesse processo, os modos de produção como potência de afirmação ou negação, remetem-nos a transitar para uma formação de autoria marcada pelo lugar da subjetividade no dizer e no des-dizer. É no processo criativo que as palavras bailam ao

³ Citação do texto “Eu-rascunho” em prelo na coletânea intitulada “O valsar das palavras” de 2021/2022 do Programa Lugar de Criação.

valsar, pois “o fazer poético ordena-me que eu deflore minh’alma em metáforas⁴” Coelho (2021). Coelho nos ajuda a definir o que estamos desbravando para outro aflorar da cena: professora autora; professor autor. Uma docência da criação metafórica, um significante, que joga com o jogo das palavras. Uma docência em Letras, que traz o sabor das palavras na medida certa, ou, até mesmo, no exagero, para que os leitores possam degustar em um delicioso lambuzar poético nos mais distintos palavreados: sejam nos versos, sejam nas prosas.

É no deflorar d’alma que a professora autora; professor autor “trapaceia a língua”, melhor ainda, “trapacear com a língua” Barthes⁵ (2004), trapaceia com a modalidade escrita da língua. É desse lugar que se têm a capacidade de ir para além da escrita determinante e normativa para abraçar com a força da semiose que a criação literária proporciona.

As palavras, de fato, valem em ritmos outros, em uma melodia para uma revolução na arte de ensinar, por vez, anela ao ato de criar. Criar uma necessária arte de escrever no mais sublime ecoar das palavras. Significante professora autora; professor autor que admite outro sentido. Um significante de um signo composto, que surge para outras dobras, que vai tanto ao ensinar-criar como formar e se formar, que abre outras séries para reverberar numa formação-criação-formação.

⁴ Graduando-autor em Letras, texto Valsar das palavras presente na coletânea intitulada “O valsar das palavras” de 2021/2022 em prelo.

⁵ Barthes — Aula.

CONSIDERAÇÕES

Dito isso, devemos considerar que o recorte deste estudo propôs apresentar uma paisagem do meu projeto de tese, que se configura em uma pesquisa com possibilidade de legitimar um Lugar de Criação como construto de uma escrita singular, que sai da repetição para emersão do diferente, do novo, de dobras que podem resultar num encontro de experiências com o ato de criar, que é escrita de si, escrita singular para uma coletividade que vive no silenciado anonimato. Escrita essa, que se configura na potência da multiplicidade, com isso, surge a diferença, surge a possibilidade de outra cena na formação de docentes em Letras.

Por ser uma pesquisa para tese de doutoramento, tenciona a problematização de um lugar de criação docente, um ato de criação, que parte da necessidade de ecoar vozes silenciadas nas escritas colonizadas de espaços educacionais; relevante por emergir uma escrita singular, que movimenta para a multiplicidade, que, de início, rompe com uma docência propriamente dita do fazer como, para fazer com; para fazer comigo, para fazer com o outro. E que, no mesmo espaço de criação, potencializa a escrita literária, não apenas das pessoas participantes, como também dos graduandos extensionistas e monitores do Programa, professora da Educação Básica, bem como os professores universitários, que compõem a equipe, incluindo os coordenadores dessas ações de extensão e de ensino.

Isso justifica que é na repetição que ecoa a singularidade, a diferença de um lugar de criação docente, que potencializa outra cena na formação docente: professora autora; professor autor, por vez, configurando o movimento para tencionar uma noção de formação-criação-formação. Logo, uma autoria com marcas de identidades múltiplas, uma escrita de identidades nômades.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Aula. *Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix. Pronunciada em 7 de janeiro de 1997.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2020.
- CALVET, Louis-Jean. *Tradição Oral & Tradição Escrita*. Trad. Waldemar Ferreira Netto, Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Tradução de José Marcos Macedo. *Folha de São Paulo*, v. 27, n. 6, São Paulo, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *SINAIS: raízes de um paradigma indiciário*. In. Mitos, Emblemas, sinais. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- MARIANO, Nazarete Andrade. PANTA, Francisco de Assis Silva. COELHO, Lucas Rodrigues. ALVES, Aline. SEGUNDO, Miguel Segundo (Org.). *Lugar de criação em versos e prosa*. Petrolina: Oxente, 2020.
- MARIANO, Nazarete Andrade. *Escritas Identitárias*. Petrolina/PE: Oxente, 2021. In: prelo.
- SANTOS, Cosme Batista. *Letramento e senso comum*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- SEIDEL, Roberto Henrique. *As materialidades do texto na contemporaneidade: deslendo os conceitos de autor, leitor e obra*. In. Desleitura. José Carlos Felix | Juliana Cristina Salvadori (Org.). Jacobina/BA: UNEB, 2017. Disponível em: http://desleitura.uneb.br/coloquio_2017.php.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.